

Reconciliação

A Difícil Linguagem do Múltiplo

Léa Távora

Quer consideremos Hegel falência ou ápice da filosofia que o antecede, inquestionavelmente ele abre as portas para o pensamento atual. Merleau-Ponty escreve num trecho bem conhecido:

Hegel está na origem de tudo o que se fez de grande em filosofia desde há um século, por exemplo: o marxismo, Nietzsche, a fenomenologia, o existencialismo, a psicanálise. Ele inaugura a tentativa de explorar o irracional e integrá-lo a uma razão ampliada, tarefa que permanece a de nosso século [...] Acontece, no entanto, que os sucessores de Hegel insistiram mais no que recusavam desta herança do que nela mesma [...] Não há tarefa mais urgente na ordem da cultura do que religar à sua origem hegeliana as doutrinas ingratas que tentam esquecê-la¹.

Esta busca das origens acaba sempre cumprida, mesmo implicitamente. Vejamos como: é na verdade mais fácil refutar Hegel do que ignorá-lo, e impossível ser hoje um hegeliano estrito. Declarando-se filósofo de seu tempo, Hegel utilizou dados localizados e históricos para construir uma filosofia «monstruosa» capaz de tudo abranger, num monumento conceitual onde as noções se interligam remetendo umas às outras de forma ineludível, repetindo-se, renovando-se até a exaustão. Assim, não podemos evitar os temas hegelianos nem tampouco voltar a um pensamento de permanências. Toda a nossa reflexão opera em movimento e sobre o movimento, devendo a Hegel a percepção e a entrega a este fluxo.

Dívidas fundamentais assumidas, encontramos na filiação direta, ou nas petições de bastardia, a relação com Hegel dos tributários da filosofia da existência e do marxismo, os atuais estruturalismos e as filosofias do sentido, sem falar nos cerca de oitenta títulos publicados anualmente sobre Hegel. Se existe realmente em sua obra a coerência de um sistema, surge a grave questão: como explicar a

1 Merleau-Ponty, M., *Sens et non-sens*, Paris, Nagel, 1966, pp. 109-110.

multiplicidade das leituras que encontramos? Aceita ou não sua teoria, ela não se contradiz e a única cisão dentro desta filosofia diz respeito apenas ao alcance pretendido pelo jovem Hegel e o imenso sistema posteriormente criado. Não afeta o conteúdo de suas idéias. O que aconteceu então? Alguém reteve o monopólio da verdade hegeliana?

Inútil questionar a obra de seus herdeiros em termos da situação de Hegel quanto a seus antecessores, de continuismos ou rupturas entre o antigo e o novo. Cento e cinquenta anos depois, vê-se Hegel com clareza: ele não vem opor ao pensamento que o antecede —do Mesmo, da identidade— um outro pensamento estrangeiro. Hegel é nó, encruzilhada, e neste sentido abertura para novos rumos. Nele se articulam um «antes» e um «depois» diferentes mas interligados. Um conceito de sua própria terminologia define este nó, centra sua problemática, torna árdua a leitura de seus textos e faz a importância de sua inovação. A dificuldade para entender Hegel é, no fundo, a mesma que a de adotar um novo modo de conexão jamais pensado, a mesma que o situa na gênese de inumeráveis ramificações do pensamento divergentes entre si e divergentes da filosofia da qual nasceram.

O problema todo se resume na passagem do pensamento calcificado da metafísica até Hegel a um pensar sobre o sujeito e o objeto, juntos, transformando-se. Hegel opera esta transição desde o abandono da linguagem da metafísica da época, de suas poucas e insolúveis antinomias, para a linguagem natural na qual se funda não só a especulação como todo o processo humano de pensar. Para Hegel, os fenômenos alteram-se dialeticamente sobre o solo lingüístico da relação do homem com seu mundo.

Retomando a linguagem natural, próximos à qual estavam também os gregos, Hegel chama a este movimento de dialético, mas não faz sua dialética grega. Esta consistia no método de opor hipóteses e levá-las ao extremo para encontrar as conseqüências. Problema para os gregos e até Kant, as contradições da razão são vistas por Hegel como produtivas, como restrição da consciência no estágio do Entendimento, como possibilidade de aceder ao estágio seguinte. Hegel cria uma teoria própria da dialética que descreve o impulso do conjunto pensamento/pensado num contínuo que torna dispensáveis todas as divisões do texto.

Na base das ordens de dificuldades para aceitar Hegel —a formal, vencida no cuidado técnico ao lê-lo; e a de seu conteúdo, extraíndo o que ele realmente disse de dentro da coerência sistemática— está o conceito de *Aussöhnung*, traduzido pelo francês *réconcilier, lier ensemble*. Esta noção, expressa repetidamente tanto na forma quanto no conteúdo, fala de um novo tipo de relação entre termos que permanecem distintos, modo único capaz de preservar alteridades conectadas intrinsecamente. Como nunca antes, contradições podem se reconciliar numa inquietude renovada.

«Reconciliar na inquietude» é um pensamento difícil. O Aurélio² nos diz que reconciliar é: estabelecer a paz, por de acordo, conciliar coisas que parecem

2 Buarque de Holanda, A., *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, Rio, Nova Fronteira, 1ª ed., 15ª. impressão.

opostas, congruar, harmonizar. O resultado de uma reconciliação deveria ser então a paz, um termo tranquilo e fixo. Já Sachs-Villatte³ traduz *Aussöhnung* além de, pelo tradicional *réconciliation*, por *raccommodement*. Reacomodar nos dá a idéia de menor fixidez. Uma reacomodação pode exigir sempre outras, nada traz de definitivo.

São duas as noções que desejamos sublinhar aqui como chave de leitura para Hegel: a de reconciliação ou reacomodação e a de que este processo pertence à ordem da linguagem. Aos dados plurais da experiência o homem responde com a palavra reconciliadora do múltiplo. Este múltiplo repetidamente se fraciona em qualidades, exterioridades e interioridades, forças, outras consciências, correspondido por fracionamentos da consciência. A consciência trabalha na reflexão para tornar inteligível a alteridade, formar um todo composto de não-identidades. Este movimento é a dialética hegeliana, uma dialética do sentido que tão frequentemente suscita discussões: a da reconciliação lingüística —ou psíquica— das diferenças.

Antes de entrar em maiores detalhes, trouxemos à tona um problema repetido de má interpretação que é preciso esclarecer: Hegel não é o filósofo da tese-antítese-síntese. Esta versão de sua dialética lhe foi atribuída por K. L. Michelet, hegeliano do primeiro grupo e autor de uma das Lições de História da Filosofia⁴ escritas a partir de anotações de aula. Desta visão amplamente difundida da dialética hegeliana como um movimento triádico fechado resultaram alguns dos mais famosos «erros» imputados a Hegel, tais como o fim da história, o saber absoluto completo e estático, além da separação deformante de partes da fenomenologia, ou da fenomenologia e o sistema.

Segundo Jarczyk⁵ uma dialética do tipo tese-antítese-síntese contrapõe dualisticamente dois termos pressupostos, resultando desta «mistura» uma síntese. Já no regime da lógica hegeliana o termo forte é o termo médio, como que segurando os extremos em tensão. A síntese demonstraria a divisão anterior dos pólos. O termo médio reúne. Jarczyk explica:

«O termo médio, pelo contrário, assume uma função realmente mediadora na medida em que se apresenta como ponto zero cuja realidade (1) vem a ser um e outro dos termos que conjuga e (2) não vem a ser nem um nem outro sob a forma onde estavam inicialmente separados»⁶

Entender o conceito de reconciliação, seu papel na linguagem —e por consequência a dialética hegeliana— é imprescindível quando se segue a proposta de Croce⁷ já em 1907: distinguir o que está vivo do que já morreu no pensamento de Hegel, separar o que pode ser hoje joio, referido que está a um contexto ultrapassado, do trigo que alimenta tantas filosofias atuais. Esta é a tarefa de quem volta aos originais, não em busca arqueológica, mas no rumo apontado por Ga-

3 Sachs-Villatte, *Grand Dictionnaire Langenscheidt Allemand-Français-Allemand*, Paris, Larousse, 1979.

4 Versão frequentemente referida à qual não tivemos acesso.

5 Jarczyk, G., «Médiation hegelienne, réalité de notre culture», em Jarczyk, G. e Labarrière, P.-J., *Hegelianism*, Paris, PUF, 1986.

6 *Idem*, pp. 39/40.

7 Texto histórico de Benedetto Croce «Ció que é vivo e cío que é morto».

damer ao fundar a *Hegel Vereinigung* — a atualidade deste autor e a possibilidade de entender melhor os nossos temas.

Se este é o objetivo em mente, a obra de Hegel pode ser esquematizada segundo dois critérios, cada um deles levando a uma vertente interpretativa. O primeiro, da separação por fases, coloca de um lado o jovem Hegel de até 1800, tratando «romanticamente» de vida, amor e morte. Do outro lado, o Hegel maduro. Não hesitamos em dizer, apesar de opiniões em contrário, que este se inicia em Jena com a *Fenomenologia do Espírito*⁸. Se bem que alguns autores o vejam ainda jovem, pelos temas, ou por não perceberem a sistematicidade em embrião, o desacordo se apóia em declarações do próprio Hegel, ora chamando a *Fenomenologia* de uma introdução, ora dizendo-a uma primeira parte do sistema. O que facilmente se pode constatar na *Fenomenologia* é um Hegel voltado sobre os temas existenciais com um novo propósito. Até Jena, as pretensões do filósofo eram mais modestas. Lá começa o que Chatelet⁹ chama de «duplo empirismo», designação rica de significado. Hegel não visa mais uma antropologia. Observa todos os acontecimentos em todos os níveis de uma assustadora erudição, e escreve uma odisséia da consciência, da experiência da consciência no mundo. Antropologia mesmo, períodos históricos, personagens literários lhe servem de exemplos (*Beispiele*) para a descrição deste percurso de transformações mútuas. À medida que estas figuras se encadeiam numa espiral imensa, Hegel a confere, confirma, retifica com os novos dados e as surpresas da história. A sequência atemporal desta caminhada — desenvolvida em seu aspecto arquitetônico e estrutural na *Ciência da Lógica*¹⁰, e na *Enciclopédia*¹¹ — já está toda contida na *Fenomenologia*, sendo não apenas possível como necessário retomá-la depois de explicitada e realçada pela obra de teor puramente lógico. A *Fenomenologia* já é o sistema em gestação, e a prova de sua pertinência ao período posterior seria dada, se necessário fosse, pelo fato de que Hegel a revisa pouco antes de sua morte para nova publicação.

O segundo critério pelo qual se devem selecionar as obras de Hegel para nosso propósito, é o da fidelidade que lhes pode ser atribuída. Somente quatro são publicadas a partir de originais, com exceção de artigos de menor importância: a *Fenomenologia do Espírito*, a *Ciência da Lógica*, a *Enciclopédia*, e a *Filosofia do Direito*¹². Todos os outros textos são desenvolvidos a partir de notas em aula por seus discípulos, apresentando na versão final discrepâncias consideráveis.

O Hegel que prevalece na Europa, logo após sua morte em 1831, é o Hegel sistemático, arquitetônico, lógico. A época dos grandes sistemas especulativos que se propunham abordar todas as questões, está, no entanto, terminando. A idéia de um sistema começa a degradar-se por dificuldades e pretensões tornadas intransponíveis, a especulação abominada pelas ciências em ascensão, à coincidência com uma teologia cujo fundamento foi reduzido pelo próprio He-

8 Hegel, G. W. F., *La Phénoménologie de l'Esprit*, Paris, Aubier, 1941, 2 vols.

9 Chatelet, F., *Hegel*, Paris, Seuil, 1968.

10 Hegel, G. W. F., *Science de la Logique*, Paris, Aubier-Montaigne, 1972, 1976, 1981, 3 vols.

11 Hegel, G. W. F., *Précis de l'encyclopédie des Sciences Philosophiques*, Paris, Vrin, 1987.

12 Hegel, G. W. F., *Principes de la Philosophie du Droit*, Paris, Gallimard, 1940.

gel à sua dimensão encarnada, humana. Falar em sistema tornou-se sinônimo de fechamento.

A pregnância do sistema hegeliano em grande parte da Europa — a França lhe permanece refratária até bem mais tarde — começa a ser abalada. Certos ataques podem ser simplória mas verdadeiramente atribuídos aos pontos já mencionados: seu sistema é visto como fechado e meramente especulativo; a noção de *Aussöhnung* não consegue ser apreendida em sua acepção inovadora. Os dois fatores reforçam-se mutuamente, sustentados na suposta dicotomia entre um jovem Hegel e um Hegel maduro que disputam as preferências de cada pensador.

Não se pretende acompanhar a multiplicidade de Hegel nem como ela resurgiu em tantos herdeiros. Mas alguns dos citados por Merleau-Ponty e Labarrière¹³ revelam o quanto é rica a origem da dissensão, sem exigir maiores aprofundamentos.

Vejamos, por exemplo, como isto ocorre na oposição de Kierkegaard a Hegel já em 1844, poucos anos após seu desaparecimento. Kierkegaard acusa os sistemas da filosofia especulativa em geral de voltarem-se apenas para as universalidades, em detrimento da existência, única verdade, esta singular, subjetiva e concreta. No que concerne a Hegel, estas críticas não resistem à leitura direta da *Fenomenologia*, mas Hyppolite as justifica pelo desconhecimento, por parte de Kierkegaard, dos textos de juventude de Hegel. Hyppolite não deixa claro se este desconhecimento se estendia também à *Fenomenologia*. Se este é o caso, o argumento tem um certo peso. Deve ser realmente difícil resgatar a noção de existência através da descrição de seus procedimentos mais complexos, mesmo levando em conta que a «Doutrina da Essência»¹⁴ mostra a perspectiva do sujeito na transcendência recíproca entre subjetividade e objetividade. Poderíamos portanto considerar a virulência da crítica kierkegaardiana a Hegel como um dos casos mais simples, resultado de uma leitura fragmentária. Kierkegaard não tem elementos para perceber que a «reconciliação» é impotente para apaziguar a ambigüidade humana, nem que a linguagem em Hegel é constitutiva da existência.

Em 1844 Marx publica *Economia Política e Filosofia*¹⁵, um comentário à *Fenomenologia do Espírito*. Como Kierkegaard, requisita para a existência uma liberdade que lhe parecia apagada pela necessidade universal do Espírito. De posse dos escritos de juventude, e voltado para as questões históricas levantadas pela *Filosofia do Direito*, Marx conserva, mas altera a dialética hegeliana, aproximando-se no que se refere à teoria da alienação — colocada desde a *Fenomenologia* — e à filosofia da história. O conceito de alienação é a ponte forte tanto da imbricação como do desacordo entre os dois autores.

A fundamental filiação de Marx a Hegel é descrita por Hyppolite em termos simples, não exigindo mais para reconhecê-la do que uma leitura primária da *Fenomenologia*:

13 Labarrière, P. -J., *Introduction à une lecture de la Phénoménologie de l'Esprit*, Paris, Aubier-Montaigne, 1979; e *Structures et mouvement dans la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel*, Paris, Aubier-Montaigne, 1985.5

14 É o Primeiro Tomo — Segundo Livro — da *Ciência da Lógica* de Hegel.

15 Citado por Merleau-Ponty no resumo que faz das correntes filosóficas influenciadas por Hegel.

O que Marx deve a Hegel é a consideração da obra humana em sua totalidade. O animal continua a viver, a espécie não aparece nele senão pela morte e pela sucessão inconsciente dos indivíduos. O homem, pelo contrário, produz as condições de sua vida a partir do meio, cria seu ambiente de vida e o reproduz por seu trabalho. É a espécie inteira que edifica a obra coletiva e nela se aliena. Mas a totalidade das mediações — produção, consumo, troca — não aparece como tal ao indivíduo limitado. É preciso apreender o conjunto¹⁶.

Marx volta-se para um certo tipo de mediação: produção, consumo, troca. Hegel nomeou duas: a linguagem, dentro da qual o homem nasce para subjetivá-la, e o trabalho de Marx, ambos reunidos «na paciência do negativo». Tudo é trabalho —negatividade— em Hegel, e a linguagem seria sua grande organizadora.

A discussão da existência, brecha pela qual penetram Kierkegaard e Marx, merece maior aprofundamento. Não podemos contudo deixar de mencioná-la pois, parecendo uma nuance que afeta apenas algumas correntes filosóficas, é no mínimo capaz de transformar oposições ferrenhas em questões, evidenciar genealogias negadas, ignoradas. É capaz de ligar em suas diferenças, reconciliar Hegel com existencialismos, com a psicanálise, com as filosofias do sentido. Fica a indagação: será que o sistema hegeliano faz realmente desaparecer o singular e o concreto? Será que a lógica ignora a consciência que a vive?

Hoje o problema de Hegel não passa mais por aí. Deu-se o devido valor à frase: «a lógica por trás da consciência». Onde ele persiste é sempre assentado na compreensão desta dialética e no caráter terminal atribuído à reconciliação. Hyppolite afirmando que Marx conserva mas altera a dialética hegeliana, Labarrière aceitando que Marx a tenha respeitado, problemas vão surgir pelas interpretações de Wahl e Kojève enraizados nesta mesma *Aussöhnung*.

Mais um pequeno resumo, antes de entrar nas conseqüências desta distorção: a França não aceita de imediato a aparente frieza do sistema hegeliano. Raríssimos o conhecem, quase nada é publicado e menos ainda sobre os famosos textos existenciais que serão os causadores da futura aceitação da teoria. Jean Wahl isola em 1929 uma parte da *Fenomenologia* e sobre ela publica *Le malheur de la conscience dans la Phénoménologie de l'Esprit*¹⁷. Koyré, por outro lado, anuncia Hegel seguido por A. Kojève¹⁸ nos famosos cursos de 1933 e 1939 na Ecole des Hautes Etudes. Toda a geração seguinte —inclusive Hyppolite, o tradutor da *Fenomenologia* para o francês e autor de uma longa análise¹⁹ —será fortemente marcada pela visão kojéviana.

Este grupo repetirá a leitura do mestre. Isola a *Fenomenologia* do sistema, isola capítulos dela tirando conclusões inexistentes. A Consciência Infeliz descreveria o momento presente, estagnado, sem todos os outros que lhe coexistem. A Dominação e Servidão tem pior sorte: enxertam-lhe uma síntese, esquecendo que Senhor e Escravo chegam cada um ao seu impasse e geram o cético, o estóico, seguindo além.

Depois de Heidegger —que parece ter sido o mais consistente dos herdeiros

16 Hyppolite, J., *Figures de la pensée philosophique*, Paris, PUF, 1971.

17 Brionne, Montfort, 1951.

18 Kojève, A., *Introduction à une lecture de Hegel*, Paris, Gallimard, 1947.

19 Hyppolite, J., *Génèse et structure de la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel*, Paris, Aubier-Montaigne, 1946.

de Hegel— e de Sartre —que fracassou na busca de uma ontologia dualista perdida por Kojève para Hegel— os grupos de estudo especializados neste autor são inúmeros. Mas ainda hoje, com todo o desenvolvimento do hegelianismo na França e os esforços do grupo de Gadamer, freqüentemente escutamos falar de Hegel segundo Wahl ou segundo Kojève. Sua influência foi impressionante. E com todas as discussões de technicalidades mais ou menos importantes, terminamos por descobrir que o problema continua: mesmo gênios da filosofia podem permanecer surdos a uma reconciliação que não é síntese e à capacidade da linguagem para dar sentido a um universo múltiplo.